

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO VII SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UFPA CAMPUS CASTANHAL

Inclusão, desenvolvimento socioambiental e produção de conhecimento na Amazônia

05 A 07
NOVEMBRO
2024



Apoio:



Pró-Reitoria de Extensão | UFPA

Pró-Reitoria de Pós-Graduação | UFPA

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação | UFPA

MEIO AMBIENTE E ANCESTRALDADE, A SAMAUMEIRA NO QUILOMBO DO CACAU/COLARES-PA.

ENVIRONMENT AND ANCESTORY, SAMAUMEIRA IN QUILOMBO DO CACAU/COLARES-PA.

MEDIO AMBIENTE Y ANTIGUA, SAMAUMEIRA EN QUILOMBO DO CACAU/COLARES-PA.

Telma Nazaré de S. Pereira¹

Wanderlan Montão da Silva²

Leila do Socorro A. Melo³

Assunção José P. do Amaral⁴

PALAVRAS-CHAVE: Resistência. Ancestralidade. Território.

INTRODUÇÃO

O artigo descreve a relação da comunidade quilombola da “Vila do Cacau” localizada às margens do rio Tauapará, região nordeste do município de

¹ Mestre em Antropologia (UFPA), Licenciada em Pedagogia, História e Sociologia. Integrante da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN. Pertencente do Programa Universidade vai ao Quilombo e do Grupo de Estudos e Ciências Sociais – GESCED/NEAB/ Castanhal-PA. Professora Substituta da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Email. telmansp33@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5753-3842>

² Mestre em Educação e Humanidades – U.M, Mestrando em Estudos Antrópicos na Amazônia – PPGEA – UFPA, especialista em Africanidades – UFPA, Especialista em Igualdade Racial na Escola – UNIAFRO – UFPA, Especialista em Tecnologia e Educação, Pedagogo Licenciado, Bacharel em Teologia e Tecnólogo em Redes de Computadores. Integrante do NIPE – Núcleo Integrado de Pesquisas em Engenharia – IFPA Campus Tucuruí, Membro do GEAM – Grupo de Estudos Afro-Amazônico, Pesquisador Colaborador da PROEXla - CAMTUC – UFPA, Coalizão Negra Por Direitos e do Grupo de Estudos em Educação e Cultura, GESCED – UFPA. Email. wanderlanmontao2@gmail.com

³ Mestre em Antropologia. Graduada em História (UFPA), Professora da Rede Pública (Educação Básica) SEDUC/Pará. Email. leilamel01@yahoo.com.br

⁴ Orientador. Graduado em Ciências Sociais (UFPA), Prof. Dr. Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará Campus (UFPA/ CASTANHAL – Pará) Email. amaral12j@gmail.com

Colares/PA, tem sua formação de raízes indígenas e de descendentes de africanos, sendo o território ligado a consanguinidade, a memória, tempo de seus antepassados e a cultura de identidades ancestrais, refletida pela árvore símbolo do território, a Samaúmeira.

A questão da pesquisa é perguntar: Qual a relação da comunidade com a Samaúmeira, árvore centenária localizada dentro do território? A Samaúmeira representa a ancestralidade na relação com o cotidiano da comunidade quilombola da “Vila do Cacau”?

Objetiva-se descrever a relação cotidiana da comunidade com a árvore Samaúmeira, no do território quilombola da “Vila do Cacau”; para além disso também, de forma mais específica, conhecer a forma como a Samaúmeira representa a ancestralidade, presente no meio ambiente na comunidade quilombola.

QUILOMBOS A RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

Nas comunidades quilombolas, as tradições e saberes transmitidos de geração em geração estão profundamente conectados ao modo como as ações de comunidades tradicionais, por exemplo, interagem com o ambiente (Dos Santos; Dos Santos, 2024).

A palavra “quilombo” é de origem “bantu” e quer dizer acampamento ou fortaleza. No Brasil eram chamados de *arrachamentos*, mocambos ou quilombos e seus membros eram conhecidos como *Callombolas*, quilombolas ou mocambeiros (Almeida e Abrantes, 2016).

Muitas são as definições conceituais para quilombo, pode se referir a denominação do colonial que conceitua como “lugar de escravo fugido”, também o decolonial, que se caracteriza como: lugar, espaço, território de resistência e de luta (Amaral, 2023).

Do ponto de vista antropológico, o quilombo é um espaço de liberdade, de luta e resistência, descendentes de africanos que resistiram à escravidão, construíram suas comunidades em harmonia com a natureza, valorizando a biodiversidade através de práticas sustentáveis (Almeida e Abrantes, 2016).

Dados do MapBiomas, identificam os Territórios Quilombolas como lugares onde a cobertura vegetal nativa no Brasil, ao lado dos Territórios Indígenas, são os mais preservados. (SEEG/OC)

São 494 Territórios Quilombolas segundo o Censo 2023 do IBGE: 30% já titulados e 70% em processo de titulação. Essa diferença reflete-se na conservação ambiental: enquanto nos territórios já titulados a perda de vegetação nativa entre 1985 e 2022 foi de 3,2%, nas áreas em processo de titulação esse percentual foi de 5,5%. Na média, o uso antrópico ocupa 14% de sua área (MapBiomas, 2023, p.1).

As práticas nativas das comunidades tradicionais retratam uma forma específica de preservação e manejo ambiental, que se constituem em saberes étnicos que envolvem plantar, manejar, comercializar, cujos modos de vida, e o cotidiano são defendidos pela relação dessas reproduções da vida social desses grupos (Ferreira, 2017).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia considerou a pesquisa bibliográfica, e a pesquisa de campo com base etnográfica, de abordagem qualitativa, tendo como instrumento a observação e a entrevista não estruturada aplicadas a 3 (três) moradores da

comunidade, realizada em visitas a Comunidade, nos meses de abril e maio de 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Então vamos. Adentrando à comunidade quilombola “Vila do Cacau”

A comunidade Quilombola “Vila do Cacau”, está localizada às margens do rio Tauapará, no município de Colares-PA, mas sua proximidade com o município de Vigia, permite o acesso por barco, com travessia através do rio Guajará e Tauapará até a margem da comunidade desembarcando no *trapiche*, após 10 minutos. A distância até o centro da comunidade é de cerca de 2km, sendo que por Colares o tempo para chegar pode ser de até 2 horas por estrada de chão.

Figura 1 – Rio Tauapará/ trapiche



Fonte: Autora Telma Pereira - Abril/2024

Na primeira visita foram 5 alunos da turma de Licenciatura em História⁵ turno da tarde. Nossa objetivo, era conhecer, e conversar com moradores, afim de construir uma história sobre a comunidade. Sem agendamento prévio tivemos dificuldades em sermos atendidas. Na segunda, foram 15 alunos, da mesma turma da visita anterior, a visita foi realizada pela parte da manhã, vimos que o território compunha muitos elementos para se conhecer, como as características tradicionais de uma comunidade quilombola.

A terceira visita, foi agendada com o jovem líder da comunidade de 20 anos, Nelson. Saímos do porto de vigia as 8h da manhã. O percurso, iniciou e nesse interim a entrevista era aplicada, perguntamos sobre os lugares que mais tem representatividade ancestral para a comunidade, e de forma enfática, afirmou: “É, as Ruínas do Barão do Guajará, a Samaúmeira e o Campo de futebol”. A gente tenta se preservar. Todo dia tem barco que sai daqui, é o barco que leva e traz estudantes para a escola. Todo mundo que quiser saí, pode. (Nelson, 2024).

Finalmente o último lugar a ser apresentado foi a Samaúmeira, passavam de 13h, mas Nelson, insistiu. A beleza daquela árvore gigantesca foi compensadora e gratificante, ele, destacou, “a guardiã do nosso território!”.

⁵ Visitas realizadas com as turmas de Graduação em Licenciatura em História e Pedagogia da Universidade do Estado do Pará. (UEPA/VIGIA)

Em entrevista com Zumbi, um velho negro retinto, hoje com 87 anos, sobre a Samaúmeira, respondeu: *ela está velha, como eu. Me sinto feliz, agradecido de cada vez que recebemos alunos e professores de fora. Eu não tenho ido no pé da Samaúmeira, está distante pra eu ir lá. Mas ela é muito grande e imponente, sagrada!*

Figura 2 – Árvore Samaúmeira



Fonte: Autora Telma Pereira - maio/2024

já envelhecida, também como disse Zumbi, a samaúmeira continua imponente. Outra entrevistada Dandara, reconhecida por seus “poderes” religiosos, é benzedeira e recebe entidades. Disse ter relação importante com a ancestralidade na comunidade. “Às vezes tenho a sensação que ela conversa comigo!”. (Dandara, 2024). “Aos territórios estão ligados os sistemas de classificação, de manejo de plantas, animais, água, terra, plantio, colheita, consumo dos alimentos, e as relações com a natureza e com o cosmo” (Almeida e Abrantes, 2016, p. 61),

Quanto à sua sacralidade, de acordo com a sabedoria da floresta, na base da sumaúma há um portal, que conecta esta realidade com o universo espiritual. Seres mitológicos das matas entram e saem por esse portal (Instituto Soka Amazônia, 2002).

CONCLUSÃO

No quilombo “Vila do Cacau”, a Samaúmeira é a “arvore da vida”, seu tamanho tem relação direta com a grandeza de sua história, memória e ancestralidade referência com o antepassado na comunidade. Há assim, uma cumplicidade nas relações, que a transforma em um símbolo de luta, sobrevivência e resistência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. Maria da Conceição P. de.; ABRANTES. Elizabeth S. **Aspectos Ambientais no Cotidiano de Comunidades Quilombolas na Baixada Ocidental Maranhense**. ANPUH/BRASIL. 31º Simpósio Nacional de História. Rio

de Janeiro/RJ. 2021. Disponível em:
https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snhsn2021/1628537720_ARQUIVO_a841452a8e03b228c0d0b2059574fd8e.pdf. Acesso em: 22 de ago.; 2024.

AMARAL, Assunção José Pureza (org.). **Entre Ciências Sociais e Educação na Amazônia.** Vol. 1. Castanhal-PA: UFFA, Faculdade de Letras; UFFA, Faculdade de Pedagogia, 2023.

DOS SANTOS, Fernandes, D.; DOS SANTOS, Fernandes, J. G. **Personas E Habitus: Estudo de Perfis Antrópicos na Amazônia Oriental. Espaço Ameríndio.** Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 81, 2018. DOI: 10.22456/1982-6524.76748. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/76748>. Acesso em 30 ago. 2024.

FERREIRA. Priscila Fonseca, et al. Indicadores de sustentabilidade na comunidade quilombola África. **Revista Espacios.** Município de Abaetetuba, Pará, Brasil. Vol. 38 (Nº 08). 2017. p. 9.

Instituto Soka Amazonia. **Sumaúma: A gigante da Amazônia.** Disponível em: <https://institutosoka-amazonia.org.br/sumauma-a-gigante-da-amazonia.2002>. Acesso em 2 de ago.; 2024.

PROJETO MapBiomass. **Mapeamento anual de cobertura e uso da terra no Brasil entre 1985 a 2022.** Coleção 8, 2023. Disponível em: <https://Brasil.mapbiomas.org/download-dos-atbds-com-metodo-detallado/> Acesso em: 30 de agos.; 2024.